

ECO  
133

-9)  
ECO-133



# A CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A ECONOMIA MOÇAMBICANA

**Estudante:** Felícia Esménia Nhancale Nhantumbo

**Universidade Eduardo Mondlane**  
**Faculdade de Economia**  
**Trabalho de Licenciatura em Economia**  
**Maputo, Março de 2006**

U. E. M. - ECONOMIA
R. E. 29 746
DATA 21 03 106
ACQUIZIÇÃO afeta
COTA

**Dedicatória**

*À memória dos meus pais Marta Valente Nhandale e Baltazar Luís Nhantumbo, que em vida sempre me incentivaram a estudar e ensinaram-me que a escola é o melhor caminho para o sucesso.*

## Agradecimentos

---

Ao longo dos cinco anos que frequentei o curso de licenciatura em Economia na Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane, muitas foram as pessoas que marcaram e muito contribuíram directa ou indirectamente para o meu sucesso académico.

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao apoio dado por todos estudantes, funcionários e docentes da faculdade, que sem eles teria sido muito difícil concluir o meu sonho de me tornar economista. Estou profundamente agradecida pela atenção e apoio concedido pelo meu supervisor, Dr. Sylvestre durante o processo de elaboração deste trabalho.

Um especial agradecimento vai para os meus colegas de curso, Cossa, Carmen, Gisela, Maiasse, Osvaldo, Veterano, Francisco Cossa, Mondlane, Domingos, entre outros, que durante este período de formação me apoiaram e juntos conseguimos realizar o sonho de concluir o ensino superior. Gostaria de agradecer, também, ao Mulatinho, que embora não seja meu colega de curso, ajudou-me bastante na recolha de dados para a efectivação do trabalho.

Um *kanimambo* do tamanho do universo vai para a minha preciosa família, que esteve comigo nos momentos de alegrias e de tristezas, que chorou comigo quando a faculdade não ia bem e festejou nos momentos de glória. Este agradecimento vai, em especial, para os meus irmãos Júnior, Cláudia, Arcádia, Arsénio, aos meus tios Humberto, Laura, Isabel, as minhas primas Nércia, Lola, para os meus amigos do coração Augusto, Sílvia e Esmaldina.

Em último não podia deixar de agradecer a alguém muito especial para mim, alguém que em pouco tempo preencheu os espaços vazios que haviam na minha vida e me ajudou bastante na elaboração deste trabalho de licenciatura. O meu muito obrigado para o meu namorado Arsénio Paulo.

## Declaração

---

Declaro que este trabalho é de minha autoria e resulta da minha investigação. Esta é a primeira vez que o submeto para obter um grau académico numa instituição educacional.

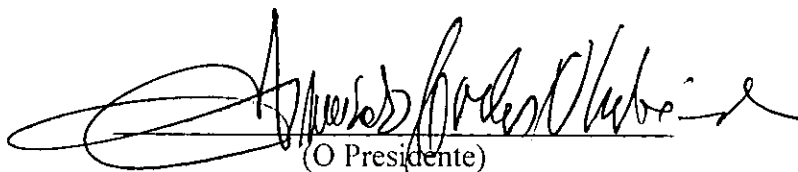
Maputo, 20 de Março de 2006

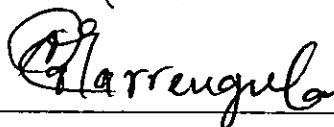


(Felícia Esménia Nhancale Nhantumbo)

## APROVAÇÃO DO JÚRI

Este trabalho foi aprovado no dia      de Março de 2006 por nós membros do júri examinador da Universidade Eduardo Mondlane, com a nota de 151 valores.

  
(O Presidente)

  
\_\_\_\_\_

(O Arguente)

  
\_\_\_\_\_

(O Supervisor)

## **Resumo Executivo**

---

O turismo é um sector de actividade que esta em crescente crescimento em todo o mundo. Moçambique não foge a regra, o turismo tem vindo paulatinamente a ganhar espaço na economia, e esta importância pode ser vista por exemplo com a criação do Ministério do Turismo. Moçambique possui um vasto e belo potencial para desenvolver esta actividade, e esta actividade por ter um grande potencial para contribuir para a expansão da procura de bens e serviços da produção local, abrangendo também os pequenos produtores e pode contribuir para o alargamento das oportunidades de emprego para grosso da população.

Em Moçambique, onde as diversas regiões territoriais compõem um manancial muito grande de belezas naturais e atractivos turísticos, a actividade turística pode constituir um acréscimo na busca do crescimento económico e na redução da pobreza absoluta. Apesar de se saber do grande papel do turismo para o desenvolvimento, existem, em Moçambique, muito poucos estudos que quantificam com maior rigor os impactos deste segmento na economia

O objectivo deste trabalho é de uma forma geral analisar os efeitos económicos do turismo na economia. De modo específico, o trabalho pretende: Compreender a contribuição económica do turismo nacional e internacional; Analisar os efeitos económicos do turismo e relaciona-los com o desenvolvimento da actividade turística em Moçambique e por último apresentar o potencial turístico moçambicano.

A falta de dados estatísticos que abrangem toda a actividade turística, principalmente os referentes ao período pós-independência, constituiu um entrave para o estudo e analise da contribuição do turismo na economia moçambicana. Apesar destes constrangimentos, as investigações efectuadas corroboram para o facto de que Moçambique tem um grande potencial para o desenvolvimento da actividade turística, e a mesma, no futuro, poderá vir a ser o futuro petróleo de Moçambique.

## **INDICE**

---

<b>Dedicatória.....</b>	<b>i</b>
<b>Agradecimentos.....</b>	<b>ii</b>
<b>Declaração .....</b>	<b>iii</b>
<b>Lista de Figuras.....</b>	<b>vii</b>
<b>Lista de Abreviaturas .....</b>	<b>vii</b>
<b>CAPITULO I – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1. Estrutura do Trabalho .....	1
1.2 Justificação da escolha do tema .....	2
1.3 Objectivos .....	3
1.4 Metodologia do Trabalho.....	3
1.5 Limitações do Trabalho .....	3
<b>CAPITULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO .....</b>	<b>5</b>
2.1 Conceitualização do Turismo .....	5
2.2 O turismo na Economia Global.....	7
2.3 O Turismo na economia nacional .....	8
2.4 Condições que garantem o crescimento do turismo .....	9
2.5 Importância económica do turismo.....	10
2.6 Dependência do turismo .....	12
<b>CAPITULO III – CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A ECONOMIA.....</b>	<b>13</b>
3.1 Problemas com a definição das contribuições económicas do turismo .....	13
3.2 Impactos Económicos do turismo.....	14
3.3 Impactos positivos .....	15
3.4 Impactos negativos do Turismo .....	20
3.5 Integração do Turismo na Política Económica Global .....	23
3.6 Desenvolvimento do sector de Turismo .....	25
3.7 A sustentabilidade do desenvolvimento.....	26
<b>CAPITULO IV – TURISMO EM MOCAMBIQUE.....</b>	<b>27</b>
4.1 Perspectiva Histórica .....	27
4.2 O Potencial Turístico Moçambicano .....	28
4.3 Mercado Turístico Moçambicano .....	30
4.4 Constrangimentos do turismo .....	31
4.5 Quadro Legal .....	32

4.6	Contribuição do Turismo para a Economia Moçambicana.....	33
4.6.1	Emprego.....	33
4.6.2	Formação Profissional.....	35
4.6.3	Receitas Turísticas.....	35
4.6.4	Investimentos.....	38
4.7	Custos do Turismo.....	39
<b>CAPITULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....</b>		<b>41</b>
5.1	Conclusão.....	41
5.2	Recomendações.....	42
<b>CAPITULO VI – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....</b>		<b>44</b>
6.1	Obras Consultadas.....	44
6.2	Bibliografia Consultada na Internet.....	45
<b>ANEXOS</b>		
<i>Anexo 1: Receitas internacionais do Turismo de 1950 à 2004.....</i>		<i>47</i>
<i>Anexo 2: Chegadas internacionais de Turistas, 1950-2004.....</i>		<i>48</i>
<i>Anexo 3: Receitas Turísticas em África (1990-2004).....</i>		<i>49</i>
<i>Anexo 4: Entradas e saídas de viajantes pelas quatro fronteiras de Maputo.....</i>		<i>49</i>
<i>Anexo 5: Movimento de viajantes por principais Países de Residência Habitual, 2001.....</i>		<i>50</i>
<i>Anexo 8: Emprego criado pelo Investimento na área de Turismo.....</i>		<i>51</i>
<i>Anexo 9: Investimento na área do turismo.....</i>		<i>52</i>
<i>Anexo 10: Objectivos da política de Turismo Estratégico.....</i>		<i>54</i>

## Lista de Tabelas

Tabela 1: Distribuição e importância do turismo no mundo.....	11
Tabela 2: Receitas do turismo, expressas como percentagem do total da renda e do PIB	12
Tabela 3: Receitas arrecadadas nos estabelecimentos hoteleiros em 10 <sup>3</sup> Mts .....	37
Tabela 4: Receitas cobradas nas áreas de conservação (em 10 <sup>6</sup> Mts).....	38
Tabela 5: Projectos aprovados nos últimos 5 anos (2000-2004) .....	39

## Lista de Figuras

Figura 1 - Emprego gerado pelo turismo .....	17
Figura 2 - Efeito multiplicador do Turismo .....	19
Figura 3 - Dinâmica do Planeamento Turístico .....	26
Figura 4 - Área abrangida por ACTF.....	30

## Lista de Abreviaturas

ACTF – Área de Conservação Trans-fronteira;

BOP – Balança de Pagamento;

CPI – Centro de Promoção do Investimento;

ha – Hectares;

IDE – Investimento Directo Estrangeiro;

IDN – Investimento Directo Nacional;

INE – Instituto Nacional de Estatística;

MITUR – Ministério do Turismo;

Mts – Meticais;

PES – Plano Económico e Social;

PIB – Produto Interno Bruto;

PVD's – Países em Vias de Desenvolvimento;

OMT – Organização Mundial do Turismo;

USD – Dólares;

WTTC – *World Travel and Tourism Council*.



## **CAPITULO I – INTRODUÇÃO**

---

O Turismo é um sector em constante crescimento em todo o Mundo. É um negócio internacional e altamente competitivo. Para os países com poucos recursos (escassez de divisas), como é o caso de Moçambique, as razões económicas para o desenvolvimento do turismo são mais fortes por existirem poucas alternativas e quase nenhuma disponibilidade de recursos humanos e físicos para desenvolver de forma intensiva a indústria e a agricultura.

O turismo tem um grande potencial para contribuir para a expansão da procura de bens e serviços da produção local, abrangendo também os pequenos produtores e pode contribuir para o alargamento das oportunidades de emprego para grosso da população.

A actividade turística constitui uma alternativa para a diminuição das disparidades regionais entre regiões dum país. Ela é uma actividade que esta relacionada com vários ramos de actividades económicas e não económicas, ou por outras palavras é uma actividade de grande importância, cuja sua amplitude arrasta uma serie de benefícios e custos que exigem uma avaliação integral que permita potenciar uns e atenuar outros.

De referir que, muito embora se possa argumentar que o turismo oferece uma importante forma alternativa de actividade económica, ele deve ser considerado como um componente de um conjunto mais amplo de iniciativas de desenvolvimento, no âmbito de qualquer sistema económico. Isso não significa dizer que, em determinadas circunstâncias, o turismo não possa ser a maior fonte de renda e de empregos numa região, mas sim, que o impacto e o papel do turismo irão variar em cada uma delas.

### **1.1. Estrutura do Trabalho**

Além desta parte introdutória, o presente trabalho comporta mais 4 capítulos. O segundo trata da conceitualização e definição do conceito turismo. Neste capítulo, apresenta-se uma visão geral do turismo, através da sua definição, do seu papel na economia global e

nacional culminando com a sua importância económica. O terceiro capítulo faz uma abordagem sobre os efeitos/impactos económicos do turismo. Nele, estão contidos as limitações das delimitações dos efeitos económicos do turismo, os impactos económicos (positivos e negativos) e as implicações deste estudo de impactos. No fim faz-se uma breve dissertação sobre a integração do turismo na economia global. O quarto capítulo é dedicado a análise do turismo em Moçambique. Nele estão inseridos temas como o potencial turístico moçambicano, os principais constrangimentos do turismo, o quadro legal que rege o turismo nacional e as contribuições do turismo para a economia moçambicana. Após este capítulo, são apresentadas as conclusões, as recomendações e a bibliografia consultada.

## **1.2 Justificação da escolha do tema**

O cenário global da economia moçambicana demonstra que o turismo está conquistando espaço definitivo junto dos diversos sectores modernos. Como actividade mundial em expansão, revela uma tendência de crescimento e prosperidade para os empresários da indústria de viagens, lazer, hotelaria e turismo.

Em Moçambique, onde as diversas regiões territoriais compõem um manancial muito grande de belezas naturais e atractivos turísticos, a actividade turística pode constituir um acréscimo na busca do crescimento económico e na redução da pobreza absoluta.

Apesar de se saber do grande papel do turismo para o desenvolvimento e deste modo para a redução da pobreza, existem, em Moçambique, muito poucos estudos que quantificam com maior rigor os impactos deste segmento na economia.

A falta de dados e consequentemente a falta de estimativas específicas para este sector pode ser um grande entrave para o desenvolvimento do turismo, uma vez que os fazedores de política não dispõem de informações fiáveis sobre o sector, dificultando deste modo a formulação de estratégias claras de desenvolvimento do turismo que promovam ligações e dinâmicas entre os sectores, e espelhem as necessidades dos turistas

nacionais e internacionais. Deste modo, tendo em conta os dados existentes, torna-se necessário contribuir com mais informações relativas aos efeitos económicos deste sector de actividade, por forma a que se perceba a importância que o mesmo pode oferecer para o crescimento e desenvolvimento da economia como um todo.

### **1.3 Objectivos**

O presente trabalho de investigação tem como objectivo geral analisar os efeitos económicos do turismo na economia. Especificamente, o trabalho pretende:

- Compreender a contribuição económica do turismo a nível nacional e internacional;
- Analisar os efeitos económicos do turismo e relaciona-los com o desenvolvimento da actividade turística em Moçambique;
- Apresentar o potencial turístico moçambicano.

### **1.4 Metodologia do Trabalho**

A conjugação da pesquisa bibliográfica e documental será o ponto de origem e meio para a obtenção dos dados e informações referentes ao tema. O presente trabalho tem basicamente como fontes a leitura de relatórios, ensaios e bibliografias relacionadas com o tema. De salientar que para a efectivação do trabalho foram feitas algumas pesquisas na Internet.

### **1.5 Limitações do Trabalho**

A falta de dados estatísticos que abrangem toda a actividade turística constitui um entrave para determinar com maior precisão o desempenho do sector do turismo em Moçambique e, desta forma, dificulta o estudo do seu contributo. Para que se observe com mais precisão a contribuição do turismo para a economia dever-se-ia ter dados estatísticos referentes a taxa de entradas, saídas, receitas, fluxo de turismo nacional e internacional, entre outros e estes deveriam abarcar todos os anos desde a independência ate a actualidade.

No concernente ao turismo internacional, os dados serão apresentados desde 1950 à 2004. Foi escolhida esta delimitação pois antes de 1950 não existem dados consistentes que possam abranger todo mundo. Com base no ano de 1950 é mais fácil visualizar a evolução do turismo e a sua respectiva contribuição para a economia.

De referir que os dados relativos ao turismo moçambicano tem um horizonte temporal de 5 anos, de 2000 - 2005, uma vez que foi a essa altura em que se criou o Ministério do Turismo em Moçambique e os dados começaram a ser processados a nível de todo o país e os mesmos passaram a ser analisados isoladamente. Antes a actividade turística era supervisionada pelo Ministério da Indústria e Comércio e, com a desagregação do Ministério muitos dados ficaram perdidos.

## **CAPITULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO**

---

### **2.1 Conceitualização do Turismo**

O turismo não tem uma definição específica. Ele é uma actividade socio-económica pois gera a produção de bens e serviços para o homem visando a satisfação das diversas necessidades básicas e secundárias.

Segundo Lage et all (2001), o turismo no passado era apresentado por muitos especialistas como as viagens para regiões distantes de mais de 50 milhas de distância dos locais de residência dos turistas; ou ainda, que exigissem a permanência por mais de 24 horas no local visitado; além do mais, importava que os turistas não viessem exercer, nesta localidade, uma ocupação remunerada.

A exemplo destas visões, tem-se a definição de Hunziker e Krapf. Para eles, o Turismo "É o fenómeno originado pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocamentos não sejam utilizados para o exercício de uma actividade lucrativa principal, permanente ou temporária" (Revista turismo, 2005).

Para a Organização dos Estados Americanos, o turismo: "é o movimento migratório, até um limite máximo de 90 dias, seja internacional ou nacional, sem propósito de longa permanência e sem exercício de uma actividade ou profissão remunerada. O objectivo pode ser por prazer, comercial ou industrial, cultural, artístico ou científico. Não inclui viajantes que juridicamente entram no país, como é o caso dos passageiros de avião que permanecem nos aeroportos, seja por escala ou conexão ou outras linhas aéreas, nem o movimento unicamente de fronteiras".

Esta definição estabelece o objectivo das viagens, aprofundando a dimensão da compreensão do fenómeno. Mas, como a anterior desconsidera os esquemas de reprodução de valor turístico nas localidades.

O estudo do Turismo, no entanto, deve considerar que o valor têm origem nas relações sociais, mas deixa de sê-las para assumir formas significantes de valor diferenciado, o valor turístico.

Com a modernidade e o desenvolvimento da comunicação, do avanço tecnológico, de novos costumes, valores culturais e hábitos emergentes, as viagens foram crescendo, sofisticando-se e se adequando as necessidades globais da época, demandadas pelos consumidores e oferecidas pelos produtores.

Em 1991, a (Organização Mundial de Turismo) OMT, em virtude das mudanças que ocorreram na economia, apresentou uma nova definição entendendo que: "o turismo compreende actividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros". Esta definição exclui as pessoas que se deslocam rotineiramente de uma cidade para outra por motivos de negócio, trabalho ou estudo. De referir que neste trabalho, esta definição será a que vai servir de base para a interpretação dos dados.

Na sua obra *Economia e Política do Turismo*, Cunha (1997:7) defende que o turismo do ponto de vista económico abrange todas as deslocações de pessoas, qualquer que sejam as suas motivações, que obriguem ao pagamento de prestações e serviços durante a sua deslocação e permanência temporária fora da sua residência habitual superior ao rendimento que eventualmente auferiram nos locais visitados.

Por sua importância tanto na economia doméstica como na mundial, o turismo tem sido examinado detidamente pelos economistas, que se concentram na oferta, na demanda, na balança de pagamentos, no mercado de divisas, no emprego, nos gastos, no desenvolvimento, nos multiplicadores e outros factores económicos. Este enfoque é útil já que proporciona um marco de referência para analisar o turismo e suas contribuições à economia e ao desenvolvimento económico de um país. A desvantagem do enfoque económico reside no facto de o turismo, apesar de ter efeitos económicos, tem outros

elementos. O enfoque económico usualmente não dá atenção adequada aos elementos ambiental, cultural, psicológico, sociológico e antropológico" (McINTOSH, 1995; 34).

Segundo Barbosa (1998), do ponto de vista económico, a actividade turística se torna importante não pelo facto da viagem a trabalho ou a lazer, mas sim, pelas consequências não intencionadas deste acto. Quando um turista viaja a lazer, ele não trabalha, o que afecta directamente a oferta de mão-de-obra, pois possibilita a abertura de novas vagas no mercado. Para viajar a lazer, o turista tem de trabalhar e poupar. Isso significa que, numa sociedade onde existe a cultura do turismo, há permanentemente oferta de recursos derivados da poupança dos que estão esperando o momento de transforma-los em dispêndio de viagem, e uma intensa movimentação das actividades produtivas derivadas do turismo.

O adequado tratamento económico do turismo exige conhecer detalhadamente os impactos económicos derivados desta actividade, uma vez que os turistas gastam o seu dinheiro numa ampla variedade de mercadorias e serviços, tais como: transporte, acomodação, alimentos, bebidas, comunicação, entretenimento e artigos em geral. Este dinheiro é visto como uma injeção de recursos via aumento da demanda na economia local, que não existiria sem esta actividade (Barbosa, 1998; 2).

## **2.2 O turismo na Economia Global**

As estatísticas apresentadas pela Organização Mundial do Turismo (OMT) destacam a importância económica do turismo a nível global. Em 1950 o número de turistas no mundo era de aproximadamente 25 milhões e geravam uma receita de 2.1 biliões de dólares. O número de turistas no mundo tem mostrado uma tendência de crescimento crescente. Em 1990 as chegadas de turistas no mundo foi 441.0 milhões e a receita foi de 273.2 biliões de dólares. Em 2004, o número de turistas atingiu 762.2 milhões e estes deram origem à uma receita de 622.7 biliões de dólares, conforme o anexos 1 e 2.

O estudo da Organização Mundial do Turismo sobre a Visão do Turismo para 2020 prevê que, em 2020, as chegadas de turistas aos vários destinos no mundo alcançarão cerca de 1.6 biliões. Estes turistas gastarão cerca de 2 trilhões de dólares americanos.

Para Glasenapp (2005:4), as viagens e o turismo são os maiores geradores de emprego em grande parte dos países proporcionando trabalho para mais de 204 milhões de pessoas economicamente activas no planeta, o que significa que 1 em cada 9 pessoas trabalha no sector turismo, ou seja 9.7% da força de trabalho global. Espera-se que em 2005, o sector empregue 348 milhões de pessoas, justificando assim a sua importância económico-social.

### **2.3 O Turismo na economia nacional**

A contribuição económica do turismo para o PIB de um país costuma ser relevante, já que os estrangeiros são uma grande fonte de entrada de divisas. A balança de pagamentos (BOP) é a fonte de dados económicos sobre o impacto do turismo.

Na África do Sul, o sector contribui com cerca de 8% para a economia, na África sub-Sahariana com uma media de 6.9% no PIB e, no mundo com uma media de 10.2%.

Segundo Mota (2005), a industria do turismo no Quénia tem vindo a crescer desde a década 60 mais ou menos a um ritmo constante. As rendas líquidas decorrentes da moeda estrangeira trazidas pelo turismo representaram uma percentagem significativa das receitas brutas (90% em 1989), indicando a importância do sector turístico para o país, do ponto de vista da BOP.

Segundo relatórios oficiais de 1996, a indústria de turismo chegou a ocupar o primeiro lugar na importância das actividades económicas da zona costeira do País (45%), ao lado da actividade marítima e portuária, industria, agricultura e pescas. *Ibidem*



Nas ilhas Maurícias, o turismo foi responsável por apenas 10% das receitas brutas em 1990. Outros exemplos são o caso da Tunísia com 6%, as Ilhas Maldivas com 18% e os Barbados com 18%.

A actividade turística está sujeita a tributação, e deste modo contribui grandemente para as receitas fiscais do Estado e dos órgãos locais e regionais de turismo. De acordo com Cunha (1997:282), nos Estados Unidos da América, as receitas fiscais geradas, directamente, pelas despesas de viagem, tanto de residentes, como não residentes, atingiram 51,6 mil milhões de dólares, em 1992, ou seja, o equivalente a 14.2% do total das receitas turísticas do país, que se considera uma percentagem elevada dado que o turismo representa 6% do PIB americano. Em Espanha, as receitas fiscais provenientes do turismo representam entre 7 e 8.5% do total das receitas fiscais do país, ou seja uma percentagem próxima da participação do turismo no PIB espanhol.

#### **2.4 Condições que garantem o crescimento do turismo**

As condições que garantem o crescimento da actividade turística são:

- “Criação de produtos e serviços novos e diversificados baseados nos atributos que cada país disponha e que lhe garanta a diferenciação. A inovação e a criatividade são essenciais;
- Investimento na valorização do património e do ambiente existente;
- Investimento na preservação e protecção do meio turístico;
- Promoção e marketing activo orientados em função de objectivos concretos;
- Formação do pessoal ou profissionais turísticos e informação das pessoas. A informação dos turistas é cada vez mais uma das condições de orientação e valorização da procura e de uma melhor satisfação do consumidor;
- Participação das comunidades locais no planeamento e na exploração”,  
(Cunha, 1997: 247).

De referir que a capacidade de um destino atrair a receita turística é influenciada por um conjunto complexo de características, entre elas:

- Restrições e incentivos políticos (política de tributação relativas ao Investimento local e estrangeiro e importações);
- Recursos, instalações e convivências (atracções, transporte, acesso, hotéis, serviços médicos e outros, preços);
- Características de mercado (gostos e preferências dos visitantes, renda disponível, propensão à viagem, proximidade do destino);
- Estabilidade política;
- Especialização dos recursos humanos e a capacidade das pessoas em cargos de decisão (públicos e privados) de promover o destino e posiciona-lo no mercado de forma eficaz.

## **2.5 Importância económica do turismo**

Na actualidade, o turismo tem uma grande importância na economia. Ele pode ser considerado a maior indústria mundial ultrapassando mesmo indústrias como a automóvel, a electrónica e a petrolífera.

A actividade produtiva do turismo além de resultar de um aproveitamento dos recursos endógenos, aumenta a diversificação e a diferenciação dos produtos e, nessa medida, desempenha uma função motora que induz os Governos à considera-la como um meio para alcançar objectivos macroeconómicos.

O turismo é um dos segmentos económicos que mais tem crescido no mundo. Segundo a Organização Mundial do Turismo, citado por *World Bank* (2001), nos últimos anos ele vem apresentando um crescimento médio de 7% ao ano, enquanto sectores como a agricultura e indústria vem tendo crescimentos médios anuais de 2.3% e 3%, respectivamente.

“O turismo tem crescido e se desenvolvido e paulatinamente esta a deixar de ser acessível somente para os ricos e a estar ao alcance das massas. A partir de 1950, quando as viagens internacionais tornaram-se mais acessíveis a um público mais amplo, as chegadas dos turistas internacionais cresceram, a cada ano, a uma taxa média de 7,2%, e as receitas

provenientes dos gastos dos turistas internacionais em 12,3% (OMT,1994:1). Em 1995, as chegadas dos turistas internacionais ultrapassaram 532 milhões em todo mundo (OMT, 2003: 26). Estes dados podem ser observados no anexo 2.

Segundo a OMT (2003:27), para o ano de 2010, prevê-se que o número de chegadas no mundo aumente para 937 milhões.

As regiões de Africa e do Médio Oriente são, simultaneamente, as que apresentam um menor contributo para o Produto Turístico Mundial (2,5% no seu conjunto), e onde o turismo tem uma menor importância na economia (inferior a 10%). Por sua vez, a Europa é a região com a economia mais dependente da actividade turística, com 14%, conforme pode-se depreender do quadro abaixo. De referir que a União Europeia é responsável por 86,4% do produto turístico europeu.

**Tabela 1: Distribuição e importância do turismo no mundo**

<b>Região</b>	<b>Distribuição (%)</b>	<b>Importância na Economia</b>
Africa	1,3	8,8
Americas	36,3	11,1
Ásia	20,1	10,0
Europa	41,1	14,0
Médio Oriente	1,1	7,3

Fonte:OMT,2003

Como sector económico, o turismo pode dar uma contribuição significativa no crescimento e oferta de emprego, por ser uma actividade intensiva em trabalho e abrangente em termos de habilitações e níveis de formação.

Para os países com poucos recursos (escassez de divisas), as razões económicas para o desenvolvimento do turismo são mais fortes onde existem poucas alternativas e quase nenhuma disponibilidade de recursos humanos e físicos para desenvolver de forma intensiva a indústria e a agricultura.

## 2.6 Dependência do turismo

Uma outra forma de observar a importância económica do turismo para os países é através da observação das dependências com relação às receitas relativas do turismo ao total da renda de exportação e ao PIB.

As economias desenvolvidas são mais dependentes da actividade turística que os PVD's. Na tabela abaixo, tendo como base o ano de 1995, pode-se observar que entre as economias desenvolvidas, a receita total, em termos da percentagem total da receita de exportação, vai desde mínimos de 0,7% para o Japão até aos 28,15% da Espanha, o que torna o país dependente da actividade. Para repisar esta afirmação, pode-se observar a percentagem do PIB atribuída à receita do turismo, que mostra que apenas 0,1% do PIB do Japão pode ser atribuído a este tipo de receita, mas no caso da Espanha este número sobe para 4,8%.

**Tabela 2: Receitas do turismo, expressas como percentagem do total da renda e do PIB**

Receitas	Rendas de turismo (US\$ milhões) (1)	Rendas de exportação (US\$ milhões) (2)	(1) como % de (2)	PIB (US\$ milhões) (3)	(1) como % de (3)
Espanha	25.701	91.533	28,1	532.347	4,8
França	27.527	286.852	9,6	1.451.051	1,9
Itália	27.451	231.260	11,9	1.088.085	2,5
Reino Unido	19.073	242.036	7,9	1.094.734	1,7
Estados Unidos	61.137	584.743	10,5	7.100.007	0,9
Alemanha	16.221	508.404	3,2	2.252.343	0,7
Japão	3.226	443.265	0,7	4.963.587	0,1

Fonte: Cooper, Chris, et al, 2002, p.161

É importante salientar que a comparação das receitas e gastos internacionais advindas do turismo enfrentam dois grandes problemas nomeadamente, os factos dos dados serem geralmente expressos em preços actuais e serem padronizados em dólares americanos. Os problemas criados por esta forma de apresentação são de que: (1) ela não leva em conta os efeitos da inflação e (2) as movimentações na taxa de cambio do dólar (que foram muito dramáticas na última década) irão manifestar-se como mudanças no valor local de receitas e gastos turísticos (Cooper, et al, 2002: 162).

## **CAPITULO III – CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A ECONOMIA**

---

Para se dar um tratamento adequado ao turismo é necessário conhecer detalhadamente os impactos económicos derivados do desenvolvimento da actividade turística.

Como já foi referenciado, a actividade turística provoca um conjunto de reacções de natureza e intensidade diversas que se repercutem sobre um vasto leque de actividades económicas e não económicas. Estas repercussões podem ser benéficas ou podem representar um custo para a economia. Por forma a maximizar os benefícios e minimizar os custos, ou por outro, para se dar um tratamento adequado ao turismo é necessário conhecer detalhadamente os impactos e/ou efeitos económicos derivados do desenvolvimento da actividade turística.

### **3.1 Problemas com a definição das contribuições económicas do turismo**

A determinação dos efeitos económicos da actividade turística não é tarefa fácil, pois não existe, ate ao momento, um instrumento específico de análise que permita uma avaliação integral do turismo. Os instrumentos de análise económica existentes não permitem abarcar toda a realidade turística, o que faz com que seja necessário reformulá-los ou utilizar indicadores sem grande rigor científico.

A análise dos efeitos económicos do turismo é, por outro lado, limitada pela dificuldade de obtenção dos dados estatísticos devido ao facto das suas características específicas o transformarem num fenómeno difícil de quantificar nos seus múltiplos aspectos.

Segundo Cunha (1997:235), as dificuldades que mais sobressaem são as seguintes:

- a) **Redução dos obstáculos aos movimentos turísticos:** a eliminação do controlo de fronteiras entre países e a redução ou mesmo eliminação progressiva dos obstáculos administrativos, monetários e alfandegários tornam cada vez mais difícil a quantificação estatística dos movimentos turísticos;

- b) **Diversidade dos consumos:** embora a maior parte do consumo se concentre no transporte, no alojamento e na alimentação, a sua diversidade dificulta o estabelecimento de uma correspondência entre consumo e a produção turística e, isto é agravado pela falta de definição normalizada para a elaboração de estatísticas;
- c) **Indefinição conceptual:** existe uma grande imprecisão na delimitação e conceptualização económica, quer do ponto de vista da procura, quer da oferta.

### 3.2 Impactos Económicos do turismo

O valor dos gastos representa somente parte dos impactos económicos da actividade turística. Para se ter uma análise completa do impacto da actividade turística é preciso olhar para:

- **Impactos directos** - representados pelo total da renda criada nos sectores como resultante directa da variação dos gastos com esses produtos, exemplo, o número de empregados utilizados na produção de bens consumidos pelos turistas de hotelaria. O aumento do consumo de serviços hoteleiros implica aumento do emprego nos hotéis;
- **Impactos indirectos** - representados pelo total da renda criada pelos gastos dos sectores de turismo em bens e serviços produzidos e ofertados na economia, exemplo, o número de trabalhadores ocupados na produção de bens e serviços utilizados como bens intermediários na produção de bens e serviços utilizados pelos turistas em investimento em equipamento turístico, etc.;
- **Impactos induzidos** - representados na medida em que os níveis de renda aumentam em toda a economia como resultado dos impactos directos e indirectos das variações dos gastos turísticos, e, ainda a parte da renda adicional que é gasta em bens e serviços produzidos internamente.

Dentre estes impactos, os indirectos são os que constituem condição necessária, mas não suficiente do desenvolvimento económico dado que se não existir integração entre os sectores económicos, ou se for muito reduzida, a incidência sobre o desenvolvimento é muito limitada.

Para melhor se visualizar os impactos da actividade turística, os impactos serão agrupados em impactos positivos e impactos negativos.

### **3.3 Impactos positivos**

Os benefícios que o desenvolvimento da actividade turística pode trazer tanto para a economia como para a sociedade são:

**a) Aumento da renda via entrada de divisas:** Os gastos que os estrangeiros realizam em produtos turísticos existentes representam exportações do turismo para o país em questão. No caso de Moçambique, o fluxo de entrada de turistas sul africanos, por exemplo, irá provocar um fluxo de entrada de divisas, neste caso o rand, que será usado na compra de produtos turísticos moçambicanos e, por esta via, contribuir para o aumento da renda nacional. De salientar que a magnitude deste aumento irá depender do valor numérico do multiplicador das propensões marginais a consumir e a poupar da economia moçambicana.

Segundo Lage et al (2001: 129), nos países em desenvolvimento, a entrada de divisas via turismo é de capital importância para o crescimento económico. Mas, muitas vezes, as receitas advindas do desenvolvimento da actividade turística não são aplicadas nos programas de crescimento de turismo interno e da economia. Isto ocorre porque estes países são obrigados a gastar uma parte dessas divisas em importações necessárias para a manutenção e apoio da própria actividade turística, já que os turistas estrangeiros, especialmente os que provem de países desenvolvidos exigem um nível de infra-estrutura de super-estrutura muito elevado. Outra parte das divisas também deve ser gasta nas importações de alimentos, bebidas e outros artigos que os visitantes estrangeiros estão habituados a consumir em seus países de origem. O resultado líquido é que somente uma parcela dessas divisas permanece no país.

As receitas geradas pelo turismo internacional cresceram mais rápido que o comércio mundial na década de 1980 e representam actualmente a maior parcela das exportações

mundiais em todos os sectores, excepto os do petróleo e derivados e de automóveis /peças /acessórios.

Conforme pode-se observar no anexo 1, as receitas do turismo tem vindo a crescer no mundo inteiro de forma estável e regular após 1980. A Europa é o continente que obtém maiores ganhos da actividade turística e o continente africano é o que contribui com a menor parcela nas receitas mundiais de turismo. O continente africano contribui com apenas 3% e os países que mais contribuem nas receitas turísticas são o Marrocos, a Tunísia, o Botswana, a África do Sul, os Seychelles e as Maurícias.

**b) Aumento do investimento e do emprego:** Os investimentos são uma componente essencial para o desenvolvimento económico, pois não pode haver riqueza ou emprego sem que haja investimento, quer sejam públicos ou privados. O turismo necessita de grandes investimentos em super e infra-estrutura. O *World Travel and Tourism Council* estimou em 10.7% a percentagem do capital investido, em 1994, nas viagens e turismo relativamente aos investimentos totais efectuados a nível mundial, variando entre 17.4% nas Caraíbas e 5.9% na América Latina, passando pelos 16.5% da China e Ásia do Sul.

O turismo é, também, uma actividade que proporciona emprego para um número elevado de trabalhadores semi-especializados. É uma indústria intensiva de mão-de-obra e, deste modo é um meio eficiente de gerar novos empregos. Por este ponto de vista de emprego pode-se ter os seguintes impactos:

- Emprego directo, ou seja o derivado do aumento da capacidade produtiva do turismo nos estabelecimentos de alojamento, em restaurantes ou na prestação de serviços;
- Emprego indirecto, o resultante da expansão de outras actividades que fornecem bens e serviços aos equipamento ou estabelecimentos que constituem o sector produtivo do turismo;
- Emprego induzido criado pelo turismo. Este emprego é resultante da aplicação dos rendimentos advindos da actividade turística na procura de bens e serviços. Esta procura impulsiona outros sectores de actividade ao corresponderem ao aumento da procura assim gerada.



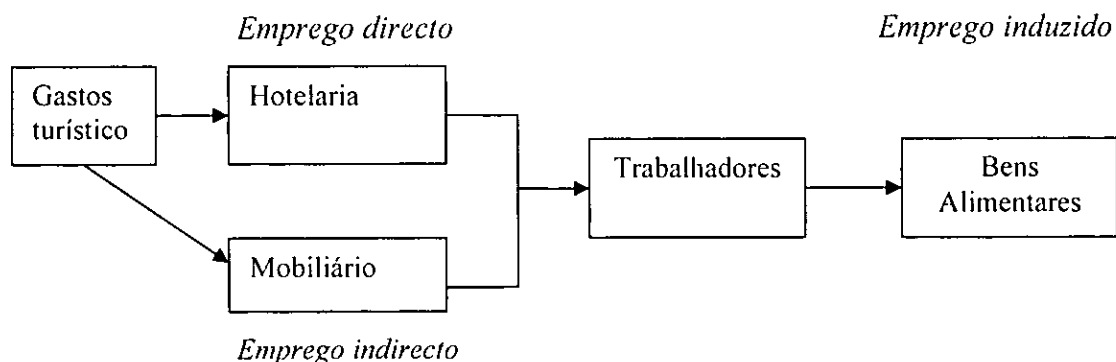


Figura 1 - Emprego gerado pelo turismo  
Fonte: Cunha (1997)

Em 1999, a actividade turística foi responsável por 8% do emprego mundial (192,3 milhões de postos de trabalho). Para a próxima década, prevê-se a criação de 5,5 milhões/ano de novos postos de trabalho, (WTTC,1999). Um terço do emprego é gerado na própria indústria turística, enquanto que os restantes 2 terços resultam do efeito da actividade turística nos outros sectores, nomeadamente o comércio e a construção civil.

c) **É um meio de redistribuição da renda:** Quando um turista obtém renda num lugar e gasta noutra, com o propósito de viagem, ocorre uma redistribuição de riquezas. "Por meio do turismo, a transferência ocorre de maneira satisfatória, tanto para o indivíduo que se beneficia por sua experiência, como para a população local que compartilha seus recursos naturais e culturais com o turista" (Lage et al, 2001:133).

Em Moçambique, por ser um país com grandes disparidades em termo de distribuição de renda, a actividade turística deve ser estimulada como forma de melhorar a redistribuição da renda regional dentro das diferentes localidades com culturas distintas.

d) **O efeito multiplicador do turismo:** O turismo é uma actividade transversal, cujo seu desenvolvimento afecta os outros sectores da economia. Ele não provoca repercussões apenas no momento da realização de um dispêndio, seja em investimento, seja em consumo, nem a riqueza que gera se limita à que origina nos sectores económicos com ligação directa com a procura turística.

O efeito multiplicador da actividade turística é uma consequência positiva para o desenvolvimento local e/ou regional, e não é apenas o núcleo receptor que se beneficia. Qualquer cidade pode se beneficiar do turismo mesmo que não tenha presença do turista no município, seja fornecedor de bens que serão consumidos pelos turistas, como produtos artesanais, industriais, alimentícios, mão-de-obra, etc. (Barbosa, 2004: 111).

O consumo turístico realizado pelas famílias dá origem, pelo lado da produção as receitas turísticas. A acção derivada por um consumo turístico opera-se através da produção, do rendimento e do investimento. Para satisfazer a produção, as empresas turísticas adquirem bens e serviços a outras empresas, e estas por sua vez, adquirem bens e serviços a outras empresas, e este exercício vai se repetindo sucessivamente até acabar a cadeia de prestação de serviços num número ilimitado de rotações e, por esta via o gasto inicial dá origem a um rendimento superior. O rendimento resulta dos salários dos trabalhadores, que participam no processo produtivo, que o aplicam para comprar bens e serviços de que necessitam a outros agentes produtivos que, por esta via obtêm rendimento. Por fim, se um gasto turístico provoca um investimento por parte de uma empresa, esta terá que adquirir materiais de construção e equipamentos a outras empresas gerando uma cadeia de sucessivas aquisições, conforme se pode observar na figura abaixo.

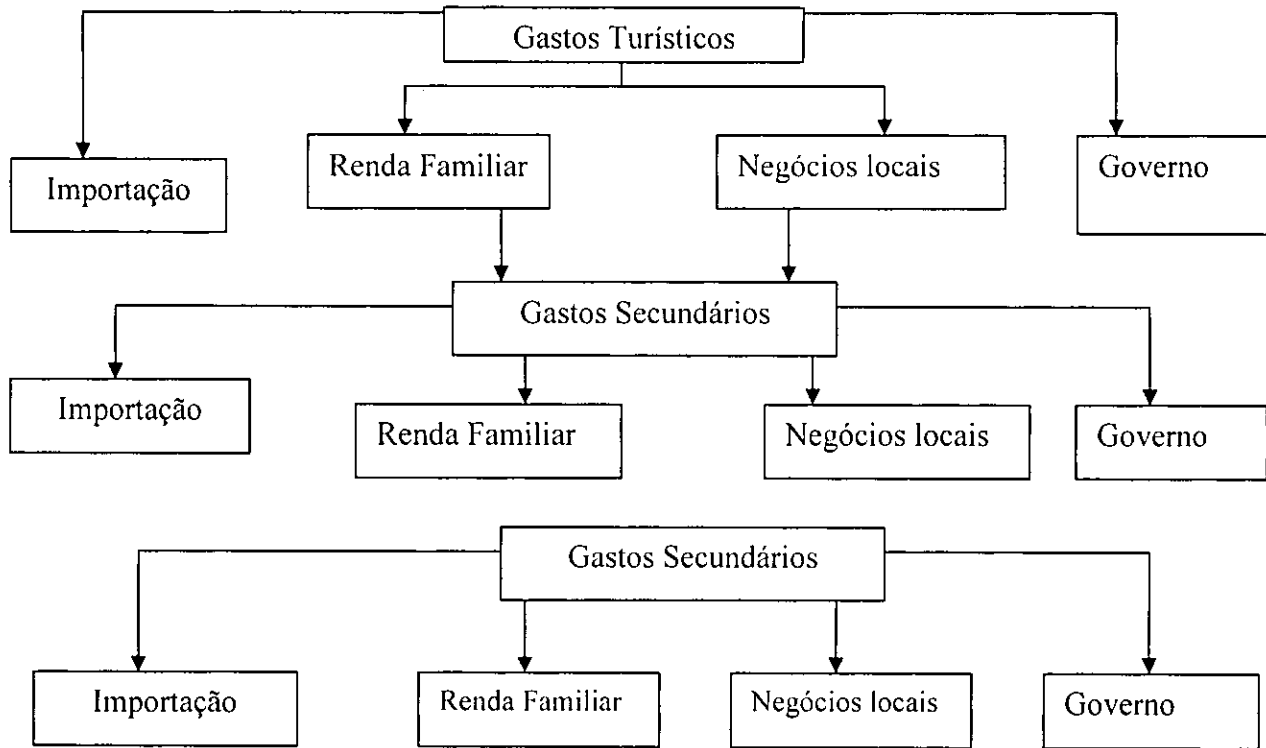


Figura 2 - Efeito multiplicador do Turismo  
Fonte: Barbosa (1998)

Por exemplo, a despesa dum turista num hotel é utilizada por este para pagar os salários aos seus empregados. Estes adquirem bens alimentares numa mercearia e, eventualmente, poupam uma parte. Esta parte é a primeira filtração na cadeia, mas a aquisição de bens alimentares proporciona uma receita à mercearia que é destinada para pagar renda do estabelecimento. O dono do estabelecimento gastara o dinheiro recebido num restaurante, que por sua vez, terá que adquirir carne importada de outro país. O valor desta é eliminado da cadeia porque vai para o rendimento de outro país e constitui, tal como a poupança, uma nova filtração.

Em termos gerais, o gasto turístico é um rendimento para os hoteleiros, restaurantes, organizadores de eventos, estabelecimentos comerciais, artesãos, etc. Este constitui o primeiro impacto. Este rendimento é utilizado para adquirir mercadorias a fim de aprovisionar os estabelecimentos, pagar juros, salários, adquirir máquinas e reter um lucro. Uma parte destas compras são bens importados e algumas obrigações financeiras destinam-se a residentes no estrangeiro, do mesmo modo que uma parte dos salários é destinada a poupança. Estas são filtrações.

O consumo turístico gera uma sucessão de impactos no sistema económico de forma interactiva e dinâmica de tal modo que, no fim do processo o gasto inicial gera um efeito multiplicador sobre o conjunto do sistema económico (Cunha, 1997: 251). O consumo turístico, por ser uma actividade de natureza heterogénea, é dirigido para muitos sectores simultaneamente, diversificando os efeitos directos sobre vários ramos da economia. O potencial da demanda turística, junto do efeito multiplicador faz com que o turismo se torne uma actividade que merece ser explorada.

#### **d) Outros benefícios**

Segundo Costa et al (2001), os outros benefícios advindos da actividade turística são:

- Aumento da base tributária;
- Maior visibilidade do destino, o que pode gerar outras oportunidades de desenvolvimento económico;
- Melhoria de infra-estruturas e instalações;
- Mais recursos para a protecção e conservação dos recursos naturais e do património cultural;
- Expansão da construção;
- Diversificação das actividades económicas;
- Desenvolvimento do artesanato local.

O turismo não provoca apenas benefícios positivos sobre a economia e a população dum país, é necessário ressaltar que muitas vezes o turismo prova impactos negativos.

### **3.4 Impactos negativos do Turismo**

Os impactos mais frequentes do turismo são:

**a) A pressão inflacionária:** Os turistas ao injectarem dinheiro na economia visitada podem, além de aumentar a renda local, provocar uma pressão inflacionária. Consequentemente, as populações que residem perto dos grandes empreendimentos

turísticos ficam prejudicadas, pois essa pressão inflacionária, no geral, atinge também os bens e serviços de primeira necessidade, como alimentação, habitação, vestuário, transportes, etc..

Por outro lado, pode levar a queda da produtividade causada pelo aumento dos preços, mesmo a aqueles em que a renda não cresceu com o desenvolvimento turístico. Existem alguns estudiosos que defendem que o turismo pode contribuir para o decréscimo da actividade agrícola devido a transferência da mão de obra do sector agrícola para o turístico. Este facto ocorre porque a lavoura é considerada nesses países como uma actividade de baixa produtividade. A expectativa de salários mais altos e de outros atractivos na indústria turística faz com que o trabalhador do campo prefira mudar de actividade. Como consequência, verifica-se uma baixa de produtividade, embora a procura de alimentos aumente devido a entrada dos turistas.

**b) Grande dependência com relação ao turismo:** Os países em desenvolvimento são muitas vezes aconselhados a diversificarem a actividade económica, uma vez que não é aconselhável, para os mesmos, adoptarem políticas de crescimento económico regional e/ou global baseadas unicamente na expansão do sector de turismo das suas economias.

De acordo com Cunha (1997: 233), o turismo pode provocar danos sociais e fenómenos de dominação e não conduzir a benefícios económicos relevantes, quer por tornar o processo de desenvolvimento económico dependente da monocultura turística, quer por gerar um valor acrescentado muito reduzido em virtude das estruturas económicas existentes não permitirem o seu desenvolvimento sem recurso a importações maciças.

Nos países onde na produção de bens e serviços consumida pelos turistas se utiliza matéria prima importada, os efeitos indirectos do turismo escoam-se para o exterior e quando aqueles bens se limitam a satisfação das necessidades essenciais, os efeitos indirectos acabam por ser muito reduzidos.

O desenvolvimento da actividade turística desligado da política económica global conduz, geralmente a duas situações de integração negativas a que Cazes, citado por Cunha ( 1997: 233) chamou de "integração - armadilha" e "integração - absorção". A situação de integração - armadilha acontece quando os países são obrigados a aceitar e a sofrer os transtornos provocados ou induzidos pela chegada de turistas ricos com culturas e hábitos muito diferentes dos das populações locais. No segundo caso, o desenvolvimento do turismo processa-se pela instalação de empresas estrangeiras que controlam os fluxos turísticos e as super estruturas do acolhimento estabelecendo grupos fechados que oferecem um serviço completo em circuito fechado, nomeadamente: avião, hotel e organização da permanência.

Em ambos os casos, criam-se relações de dependências e desenvolvem-se actividades a que as populações são alheias e os benefícios gerados pela actividade turística só em parcela reduzida contribuem para o aumento da riqueza do país. A exclusão da população local limita o efeito do turismo na economia. O turismo será mais consistente quanto melhor estiver inserido no processo de desenvolvimento económico. Esta integração não pode esquecer o homem, a sua cultura, a sua inserção social, o meio ambiente em vive e os factores naturais e patrimoniais.

**c) Custos ambientais e sociais:** O desenvolvimento da actividade turística pode causar graves danos ambientais assim como sociais às regiões turísticas e as populações residentes. O turismo pode ter impactos ambientais directos na qualidade da água, do ar, e nos volumes de ruídos. Os esgotos que são deitados na água irão aumentar os problemas de poluição, o mesmo acontecendo com o uso de barcos a motor em vias internas ou em mares desprotegidos. Níveis de ruído podem aumentar significativamente em áreas urbanas em razão de casas nocturnas e outras formas de entretenimento, assim como o tráfego rodoviário, ferroviário e aéreo (Cooper. 2001: 185)

Para Glasenapp (2005:5), o desenvolvimento do turismo provocou muitos danos ambientais no Quénia. De entre vários problemas ambientais na costa está a erosão costeira, que é muito grave em muitas zonas do país, o declínio da qualidade da água

doce, com o sobre-uso da água subterrânea devido ao desenvolvimento acentuado da zona, e ainda a degradação dos recursos naturais nomeadamente: as praias, os recifes de coral, a vegetação costeira, o declínio nas pescarias, etc..

### **3.5 Integração do Turismo na Política Económica Global**

Apesar do turismo ter alcançado e se ter transformado numa das actividades mais dinâmicas e diversificadas do mundo de hoje, ainda persistem dúvidas acerca do papel desempenhado pelo mesmo no desenvolvimento económico e quanto a sua inserção no âmbito da política económica.

Existem economias que consideram o turismo como o motor de crescimento. Portugal, em 1968/73, no seu 3º Plano de Fomento considerou o turismo como “o motor de desenvolvimento.” A Espanha, no seu plano de competitividade do turismo, considerou o turismo como “um motor fundamental da economia.

Será que o turismo pode ser o motor de desenvolvimento duma economia? Para se responder esta questão é necessário, antes de mais, saber o que se entende por motor de desenvolvimento. Se motor é um dispositivo que transforma um tipo de energia noutros tipos de energia, então motor de desenvolvimento será a razão de fundo (a energia) que faz evoluir a economia, ou por outro a razão pela qual existe desenvolvimento económico.

César das Neves, citado por Cunha (1997:231), identifica quatro motores essenciais do desenvolvimento da história económica e as teorias de desenvolvimento da história económica: acumulação de capital, inovação, vantagem comparativa e dimensão do mercado. Apesar de ser com uma intensidade variável, o turismo abarca todos os ingredientes acima citados.

A inovação é uma das características essenciais e esta sempre presente no processo de crescimento do turismo, o turismo obriga a inovação de produtos, de mercados, o estabelecimento de novas organizações e de novos métodos de produção. Se não houver

inovação, o desenvolvimento da actividade corre o risco de ficar estagnada e/ou ultrapassada.

As vantagens comparativas são uma das explicações do turismo internacional, são as vantagens comparativas que o turismo moçambicano oferece que atraem os investidores estrangeiros e que obrigam a inovar por forma a responder a uma procura mais sofisticada.

Relativamente a dimensão do mercado, o turismo proporciona, através da entrada de turistas, um aumento do mercado interno, em particular, de produtos de consumo imediato originários de vários sectores da economia e que não poderiam ser exportados. Aqui, o turismo cria externalidades positivas, ou seja promove o nascimento de novas actividades e o crescimento económico.

Finalmente, o turismo exige elevados investimentos, o que pressupõe a acumulação de capital, como também proporciona elevados montantes de moeda estrangeira que garantem a aquisição de bens de capital necessários.

A OMT considera que, se nos países em desenvolvimento, as receitas advindas do turismo internacional representarem uma percentagem de 2% do Produto Interno Bruto (PIB), a actividade turística pode constituir uma actividade motora, isto é, capaz de dinamizar o resto da economia e contribuir para que o respectivo desenvolvimento económico seja auto-sustentado.

Também nos países desenvolvidos que obtêm do turismo externo activo receitas que, em relação ao respectivo PIB representam percentagem superior a aquela, se considera que o turismo desempenha uma função motora das suas economias. Tal é o caso da Áustria cujas receitas turísticas externas representam cerca de 8% do PIB, da Espanha cuja percentagem ultrapassa 4%, de Portugal com cerca de 5% ou da Suíça com mais de 3% (Cunha, 1997: 244).



O crescente reconhecimento do contributo do turismo para resolver os problemas de desemprego, bem como as influências que produz na balança de pagamentos e do significado que possui a nível de desenvolvimento regional tem levado a que os governos dos países mais desenvolvidos lhe atribuam um papel estratégico no desenvolvimento económico, dado que constitui uma actividade motora e diversificadora.

### **3.6 Desenvolvimento do sector de Turismo**

O desenvolvimento da actividade turística não compete somente a uma entidade. Se se deixar o desenvolvimento da actividade turística nas mãos ou do sector privado ou do sector público, o turismo nunca alcançará o ponto óptimo, pois o sector público teoricamente voltara os seus objectivos para a maximização do bem estar social e o sector privado maximizará os lucros.

A essência do desenvolvimento da actividade turística bem sucedida é uma parceria entre os diversos interessados na actividade turística. As partes interessadas no desenvolvimento da actividade turística podem ser: Governos centrais e locais, Organizações voluntárias e sem fins lucrativos, Sector privado, Comunidade anfitriã e os Visitantes.

Em regra geral, quanto maior for a importância do turismo para a economia de um país, tanto maior será o envolvimento do sector público. O sector público é aqui chamado a desenhar uma política de objectivos estratégicos em relação ao turismo. Este planeamento tem de sempre envolver todos os interessados para que a decisão conjunta de planeamento possa enfim virar acções concretas de melhoria do produto turístico conforme a figura abaixo.

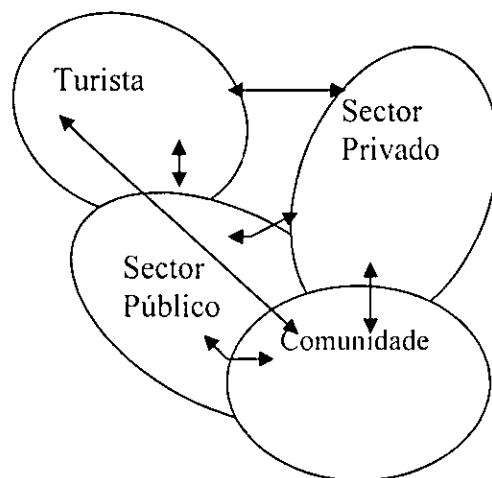


Figura 3 - Dinâmica do Planeamento Turístico  
Fonte: Barbosa (1998)

### 3.7 A sustentabilidade do desenvolvimento

Apesar de existir um grande número de interpretações do que é realmente o desenvolvimento sustentável, a OMT define o termo como um modelo de desenvolvimento económico que é elaborado levando em conta os seguintes objectivos:

- Melhorar a qualidade de vida da comunidade receptora;
- Prover uma experiência de alta qualidade para o visitante, e
- Manter a qualidade ambiental tanto para a comunidade quanto para o visitante.

O desenvolvimento do turismo sustentável pode satisfazer as necessidades económicas, sociais, ambientais e estéticas mantendo, simultaneamente, a integridade cultural e ecológica. Este desenvolvimento deve levar em consideração os benefícios para anfitriões e visitantes, enquanto melhora os recursos disponíveis para o futuro.

## **CAPITULO IV – TURISMO EM MOCAMBIQUE**

---

### **4.1 Perspectiva Histórica**

O turismo moçambicano começou a ganhar importância, como sector económico na segunda metade dos anos 1950. As primeiras zonas turísticas, num total de 18, foram estabelecidas em 1962 e, em 1972 foram acrescentadas para 26. Neste período, Moçambique era considerado um dos destinos turísticos de grande qualidade em África. A confirmar esta o facto de em 1973, Moçambique ter recebido cerca de 400 mil turistas, número que Moçambique independente só alcançou em 2001.

“As mudanças em termos de segurança que se verificaram depois de 1973 ditaram o retrocesso do turismo em Moçambique. No pós-independência, houve uma depressão em toda a economia turística nacional. A guerra danificou as infra-estruturas turísticas e os recursos faunísticos, com maior destaque para os mamíferos. No geral, ao longo dos anos 80 e princípios dos anos 90, o turismo externo consistia basicamente na estadia de missões de cooperação internacional” (Balanço do PES 2000-2004).

O fim da guerra e o desenvolvimento do Programa de Ajustamento Estrutural criaram condições para a definição de um programa para o restauro do sector. Assim, o programa do Governo para o quinquénio de 1995-1999 definiu o turismo como um sector para maximizar a entrada de divisas e a geração de empregos, para reforçar o desenvolvimento regional e distribuir os respectivos benefícios por todas as zonas do País, para projectar uma imagem prestigiosa de Moçambique no exterior e promover uma maior participação do empresariado nacional em empreendimentos turísticos.

No contexto de Ajustamento Estrutural e abertura económica impunha-se uma reabilitação física das unidades económicas e sua rentabilização. Esta rentabilização pressupunha uma melhoria da qualidade de serviços visando a maximização dos rendimentos do País. Assim, foi levado a cabo um Programa de Privatizações que ganhou maior ímpeto com a criação do Gabinete de Reestruturação das Empresas da Indústria,



Comércio e Turismo (GREICT). Neste período (1995-1999), foram privatizadas 47 unidades hoteleiras correspondentes a uma capacidade de 2063 camas.

“ No início do ano 2000, o desenvolvimento da actividade turística foi abalado pelas cheias na zona sul que destruíram as principais vias de acesso aos pontos turísticos, infra-estruturas turísticas e a imagem ainda débil do potencial destino turístico que é Moçambique. O impacto das cheias ressentiu-se fundamentalmente a três níveis, nomeadamente a destruição física de bens, onde alguns estabelecimentos chegaram a registar 90% de destruição como por exemplo o Zongoene Lodge em Gaza e o Restaurante Matchik Tchik, em Maputo. A segunda afectou o acesso a zonas turísticas devido ao corte de algumas estradas e destruição de pontes, impossibilitando, desta forma, o acesso dos turistas e o abastecimento dos estabelecimentos. A terceira relaciona-se com a imagem menos apelativa ao turismo que o mercado turístico regional e internacional registava, retraindo desta forma o interesse dos turistas em viajar para Moçambique” (Balanço do PES 2000-2004).

Actualmente, muito trabalho tem sido disponibilizado através de empreendimentos de electrificação de locais turísticos, montagem de telecomunicações e facilitação do acesso a fontes naturais e convencionais de abastecimento de água aos turistas, a quem se transmite a imagem de que *o turista em Moçambique não vai apanhar malária e cólera*.

Moçambique encontra-se numa fase de renascimento como destino turístico e o seu produto ainda carece de melhoramento. O desenvolvimento de novos produtos, o fornecimento de infra-estruturas para facilitar o acesso, o marketing, a atracção de investimentos, a conservação do património cultural, natural e o desenvolvimento de recursos humanos são factores chaves para elevar o crescimento do sector do turismo.

#### **4.2 O Potencial Turístico Moçambicano**

Segundo o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique (2004-2013), Moçambique possui um potencial turístico muito diversificado ainda por explorar. É um país com 800.000 quilómetros quadrados (km<sup>2</sup>) com 25.500 km<sup>2</sup> de costa

marítima. Um dos grandes potenciais turísticos do país é uma variedade de praias, ilhas, lagos existentes no norte do país. Além disto, oferece muitas opções de safari nos 6 parques nacionais.

Em Moçambique existem muitas oportunidades para o desenvolvimento da actividade turística. Um estudo, sobre as oportunidades e limitações do turismo em Moçambique, realizado pelo Ministério de Turismo (MITUR) revela que os elementos chave competitivos em Moçambique distinguem-se pela qualidade dos seus produtos de praia, pelo ambiente exótico, perfil da cultura do país multifacetado e pela bio-diversidade e florestas selvagens. Moçambique é um dos poucos países que pode oferecer produtos assim diversificados de praia, eco-turismo e cultura.

Moçambique possui um ambiente tropical diferente dos outros países anglo-saxónicos da região. Este ambiente é reflectido através da língua, música, arte, arquitectura, gastronomia.

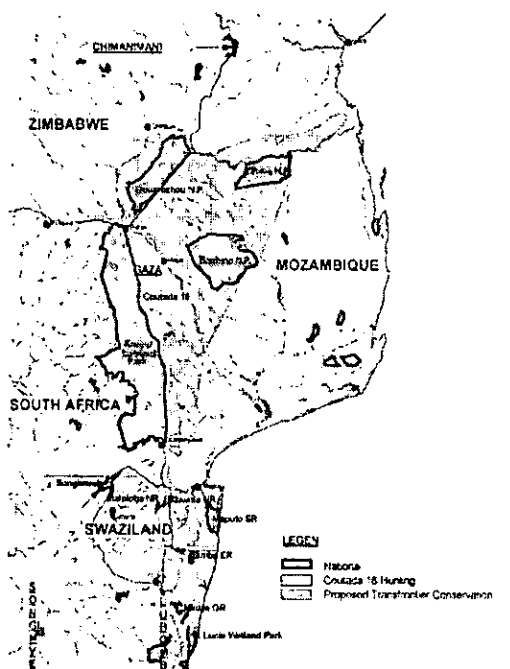
Nas zonas rurais, as Áreas de Conservação oferecem uma larga variedade de paisagens e ecossistemas e proporcionam uma plataforma rica e variada para o desenvolvimento do sector do turismo baseado na natureza e fauna bravia.

A proximidade do Parque Nacional de Kruger na Africa de Sul é um ponto forte para o desenvolvimento do turismo pois esta proximidade pode permitir uma interligação *bush/beach*<sup>1</sup> com o Kruger Park a Área de Conservação Transfronteiriça (ACTF) do Limpopo e as praias de Inhambane e Gaza.

---

<sup>1</sup> Selva-praia

## Área abrangida por ACTF



O Projecto de Conservação Trans-Fronteira deu maior dinâmica no desenvolvimento das actividades ligadas as áreas de conservação assim como as acções de cooperação entre Moçambique, a África do Sul e o Zimbábue. Dentre as diversas acções realizadas podem-se destacar:

Demarcações de terras comunitárias nas 3 Áreas de Conservação Transfronteira (ACTF), nomeadamente:

- ❖ ACTF dos Libombos - Demarcados cerca de 45000 ha;
- ❖ ACTF de Limpopo – Demarcados 27.000 ha Junto ao Parque Nacional do Banhine;
- ❖ ACTF de Chimanimani – Demarcados 20.000 ha.

Figura 4 - Área abrangida por ACTF

Fonte: MITUR

Em termos de capacidade de alojamento, actualmente, Moçambique oferece um total de 12000 camas, das quais cerca de 5000 se enquadram nos padrões internacionais de luxo ou de primeira classe (3 estrelas para cima).

### 4.3 Mercado Turístico Moçambicano

O turismo em Moçambique é feito por nacionais e estrangeiros. O turismo feito por nacionais no país é reduzido. Grande parte dos turistas nacionais realizam o seu turismo na África do Sul. Estas saídas são muitas vezes motivadas pela falta de informação sobre turismo nacional e pela realização de compras nos fins de semana.

O mercado turístico regional do país, no período em questão, assentou tradicionalmente em 2 países, nomeadamente a África do Sul e o Zimbábue. Malawi tem vindo paulatinamente a posicionar-se também como uma das principais fontes do turismo moçambicano. A situação conturbada do Zimbábue tem contribuído para o declínio dos

índices de visitantes zimbabwuanos a Moçambique. De salientar que, a África do Sul é o maior concorrente de Moçambique e também o principal cliente de Moçambique, onde 70.9% dos turistas de lazer vêm deste país.

Segundo a revista *As 100 Maiores Empresas de Moçambique* (2004; 115), nos últimos anos, o turismo moçambicano, contou com 3 mercados principais: África do Sul, Grã-bretanha e Portugal, o que é muito exíguo para as potencialidades naturais e o carácter hospitaleiro que o país oferece sendo decomposto da seguinte forma: 36% para o turismo de lazer; 44% de negócio e 20% para o turismo de visitas.

#### **4.4 Constrangimentos do turismo**

O valor do turismo no desenvolvimento de Moçambique já começou a ganhar peso no seio dos operadores económicos. Porém, segundo o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo (2004;40), estes defendem que o fraco desenvolvimento de sector turístico é devido, entre outros factores, à:

- Falta de mão-de-obra qualificada, cuja atenção deverá ser dada ao ensino básico e médio;
- Falta de recursos financeiros e materiais no sector público, que se traduz na fraca capacidade de implementar as políticas governamentais;
- Falta de capacidade de controle e monitoramento, quer nas Áreas de Conservação (combate a caca furtiva), quer nas Zonas Costeiras (construções desordenadas e ilegais);
- Saúde; doenças e situação de higiene (malária, cólera, HIV/SIDA) e qualidade e quantidade de hospitais e clínicas;
- Falta de investimento do sector privado nas Áreas de Conservação e o impacto das actividades de subsistência nos ecossistemas (as praticas das queimadas, agricultura e caça);
- Excessiva burocracia e fraca capacidade de planificação do sector público;
- Falta de envolvimento das comunidades locais, em termo de emprego, propriedade, investimento e melhoramento das habilidades profissionais;

- Pouco marketing e/ou fraca realização de actividades de marketing por forma a melhorar a imagem e o posicionamento de Moçambique com destino turístico;
- Pouca parceria entre o sector privado e público e as comunidades;
- Fraca promoção do investimento;
- A falta de infra-estruturas é um dos factores que limita o investimento e o desenvolvimento de melhores produtos turísticos.

#### **4.5 Quadro Legal**

No processo de elaboração e implementação da política económica, o Estado pode intervir através de diferentes modalidades. Ele pode actuar como participante, regulador ou como orientador.

No caso do turismo, a intervenção do Estado tem sido como orientador e regulador, isto é orienta o comportamento dos agentes de mercado e estabelece as regras que devem ser seguidas pelos mesmos na condução da actividade turística.

As políticas de turismo no país são relativamente recentes. Segundo o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique (2004-2013), desde 1994 que o Governo tem vindo a adoptar e aprovar várias políticas sectoriais e legislação para uma gestão melhorada dos recursos naturais, que desempenham um papel importante na promoção do turismo. Entre as que têm relações directas com o sector podem mencionar os seguintes:

- Lei do Turismo (2004);
- Política do Turismo e Estratégia da sua Implementação (2003) ;
- Política e Estratégia Nacional de Floresta e Fauna Bravia (1995) ;
- Lei de Floresta e Fauna Bravia (1999) ;
- Lei de Terras (1997) ;
- Programa Nacional de Gestão Ambiental (1995) ;
- Lei Quadro Ambiental (1997) ;



De referir que segundo a mesma fonte, as acções ligadas a projectos e empreendimentos turísticos estão condicionados pelo Regulamento de Avaliação dos Impactos Ambientais, que especifica que todos os programas e projectos que possam afectar directa ou indirectamente áreas sensíveis, devem ser sujeitos a uma Avaliação dos Impactos Ambientais (AIA), incluindo as áreas de conservação e zonas de valor arqueológico, histórico e cultural que devem ser preservadas.

#### **4.6 Contribuição do Turismo para a Economia Moçambicana**

O contributo económico do turismo pode ser medido em termos da sua capacidade de gerar um fluxo de moeda estrangeira, pelo investimento e pelo emprego criado pelo mesmo. Este capítulo examina ambos aspectos, para estabelecer de que forma Moçambique depende da actividade turística.

##### **4.6.1 Emprego**

O turismo é uma actividade essencial para o desenvolvimento de uma estratégia de criação de emprego. Ele cria forma de empregos flexíveis (trabalho parcial, trabalho sazonal, trabalho ocasional), e contribui para a igualdade de oportunidades, na medida em que proporciona empregos para as mulheres e jovens.

O turismo em Moçambique contribui grandemente na geração do emprego. De salientar que ainda não se atingiu o potencial de emprego que a actividade turística pode proporcionar, mas tendo em conta o facto de tratar-se de uma actividade nova, pode-se pensar que esta actividade vai contribuir grandemente para a redução do desemprego, das desigualdades regionais e da pobreza absoluta.

Em 2000, o sector registava 25 mil trabalhadores, e segundo os dados do MITUR (vide tabela 5), em 2001 foram criados 559 postos de trabalho, em 2002 verificou-se uma pequena redução no número de postos de trabalho, tendo sido criados, nesse ano, 530 postos de trabalho. Em 2003 e 2004, o número de postos de trabalho resultantes do

desenvolvimento da actividade turística cresceu de forma vertiginosa. Em 2003 foram criados 1.191 postos de trabalho e em 2004, este número cresceu para 1.273 .

Usando 2001 como no base, pode-se observar que o número de postos de emprego criados pelo turismo tem vindo a crescer. Em 2002 observou-se uma descida de aproximadamente 5.18%, mas comparando com o ano de 2003 e 2004 verifica-se um crescimento na ordem dos 113.06% e 127.73% respectivamente.

Segundo o MITUR, citado pela revista *As 100 Maiores Empresas de Moçambique*, (2005:119), em Moçambique cerca de 15% dos postos de trabalho pertencem ao sector de turismo, oferecendo actualmente aproximadamente 32 mil postos de trabalho, um crescimento na ordem dos 28% relativamente aos projectados no princípio de 2000, o que se deve parcialmente aos investimentos realizados nos últimos cinco anos no sector, que permitiram a expansão da capacidade de alojamento em mais de 2500 camas, com ênfase em estabelecimentos de luxo (acima de 3 estrelas).

De referir que segundo o Anuário Estatístico do INE, citado pela revista *As 100 Maiores Empresas de Moçambique* (2004:116), em 2003 o sub sector de hotelaria, a nível nacional empregava 4.283 pessoas contribuindo com cerca de 612 milhões de contos para o volume de negócios do sector.

Acredita-se que este número irá subir consideravelmente, uma vez que o turismo é uma área que utiliza mão-de-obra intensiva e, é também um sector que tem um grande efeito na economia.

De acordo com os dados fornecidos pelo CPI, se os 105 projectos de investimento que deram entrada naquela instituição entre, 2001 à 2005, se efectivarem poderão dar origem a 13.427 empregos, vide anexo nº 8.

Estes empregos para a economia moçambicana são de grande importância, além de contribuírem para o aumento da qualidade de vida das famílias, via aumento do

rendimento das mesmas, provenientes dos salários, cria-se também a possibilidade de gerar novos empregos em sectores que são responsáveis pela produção dos bens de consumo das famílias.

#### **4.6.2 Formação Profissional**

A formação e a qualidade do capital humano são de vital importância para o crescimento e desenvolvimento dum actividade ou sector. Elas valorizam o perfil profissional e possibilitam maior proficiência na tarefa de corresponder às expectativas dos turistas e às necessidades desta indústria.

Um dos constrangimentos apontados pelo sector privado e pelos investidores que actuam na área do turismo, é a falta de mão de obra qualificada. Por forma a minimizar este constrangimento, durante o período 2000 – 2004 foram formados, com intervenção do Estado, em todo o País, através de cursos técnicos profissionais de hotelaria e turismo, 3.908 pessoas, dos quais 3,132 através de diversos projectos financiados no âmbito do PoDE-CAT. Os restantes 776 foram formados através de cursos coordenados directamente pelo Ministério do Turismo (Balanço do PES, 2000-2004;).

O Ministério do Turismo, para além de promover acções de formação que consistia na sensibilização dos parceiros e instituições de ensino, identificação e mobilização de fundos, envolveu-se também na organização de diversos cursos, identificação de cursos disponibilizados por outras instituições e países e envio de técnicos para o efeito, mobilização de bolsas de estudo, tanto para os técnicos do Aparelho de Estado como para o público em geral.

#### **4.6.3 Reccitas Turísticas**

O turismo encontra-se concentrado na região sul de Moçambique. A cidade de Maputo e as províncias de Maputo, Gaza e Inhambane detêm 50% da capacidade total de estabelecimentos registados e 65% do total das camas. A região centro contribui com

18% do total da capacidade de alojamento que existe no país. As províncias de Nampula, Cabo Delgado e Niassa repartem entre si menos de 25% de todas as unidades registadas de alojamento.

O turismo é um dos sectores onde o governo aposta seriamente não só para a redução da pobreza absoluta, mas também para um contributo directo no equilíbrio da Balança de Pagamentos através das receitas dos turistas que entram no País. No entanto, como já foi referido, a avaliação do desempenho económico do sector emperra pela dificuldade existente na recolha de dados estatísticos a vários níveis.

No entanto, tomando em consideração as taxas de ocupação e receitas dos estabelecimentos hoteleiros e similares é verificável um crescimento contínuo como produto do crescimento, também contínuo, do investimento, actividades promocionais, capacidade de alojamento e da qualidade de serviços.

O investimento em infra-estruturas de qualidade, aliado as belezas turísticas moçambicanas criaram condições para que aumentassem o número de dormidas e deste modo, as receitas turística.

As receitas arrecadadas no sector de hotelaria e actividade similares, mostra uma variação positiva entre 2001 e 2005 (a preços constantes). A variação das receitas entre 2001 e 2005 é positiva em 35.01%. Considerando os preços correntes, nota-se que entre 2001 e 2002 houve uma subida de cerca de 4.27% e entre 2002 e 2003 houve uma subida de cerca de 39,98%. Entre 2003 e 2004 verificou-se uma descida das receitas na ordem dos 11.38%, mas após esta descida, o índice de receitas retomou a tendência crescente e em 2005 verificou-se um crescimento na ordem dos 4.37%. De referir que esta descida não é muito preocupante se for comparada as tendências de cobrança de receitas dos outros anos, vide tabela nº 3.

Em 2003, as dormidas verificadas superaram as expectativas (crescimento de 45.96% em relação ao ano de 2001, e 39,98% em relação a 2002), tendo contribuído para esta variação positiva os grandes eventos nacionais, destacando-se a Cimeira da União

Africana, e também diversos seminários e reuniões nacionais e internacionais que tiveram lugar um pouco por todo país.

Deve-se realçar que a cifra extraordinária de 2003 pode, também, por um lado ser o reflexo da maior cobertura estatística que o INE realizou nesse ano e por outro, pode ser o resultado do crescimento verificado nos hóspedes e fluxo de visitantes para eventos conforme anteriormente mencionado.

**Tabela 3: Receitas arrecadadas nos estabelecimentos hoteleiros em 10<sup>3</sup> Mts**

Províncias	2001	2002	2003	2004	2005	% Cres (2005/2001)
Niassa	2.936.203,00	5.905.351,80	6.970.682,80	6.756.160,00	5.691.610,00	93,84
C. Delgado	10.321.106,00	6.563.769,70	21.416.739,40	58.746.719,00	77.381.833,00	649,74
Nampula	11.945.025,00	13.481.464,70	32.478.597,50	23.453.399,00	29.357.319,00	145,77
Zambézia	11.982.103,00	11.124.118,10	11.398.114,10	20.408.419,00	19.367.314,00	61,64
Tete	8.560.276,00	6.919.646,10	6.898.639,10	10.596.405,00	13.371.366,00	56,20
Manica	13.484.390,00	19.506.886,80	20.141.553,50	15.889.793,00	11.147.070,00	-17,33
Sofala	45.326.042,00	38.458.764,70	44.845.078,50	49.108.176,00	53.413.536,00	17,84
Inhambane	23.031.577,00	31.766.160,50	59.038.666,70	51.638.265,00	51.366.427,00	123,03
Gaza	11.913.469,00	15.093.457,10	14.471.725,40	29.814.804,00	35.559.218,00	198,48
Maputo Prov.	9.743.221,00	25.856.465,60	28.287.993,00	17.520.367,00	20.141.688,00	106,73
Maputo Cidade	468.645.925,00	469.619.025,00	655.922.186,20	515.309.112,00	517.402.163,00	10,40
<b>Total</b>	<b>617.889.336,00</b>	<b>644.295.110,60</b>	<b>901.869.976,10</b>	<b>799.241.619,00</b>	<b>834.199.544,00</b>	<b>35,01</b>

Fonte: Adaptado dos Balanços do PES

#### **4.6.3.1 Receitas Cobradas nas Áreas de Conservação**

As áreas de conservação geraram em 2002, 2.3 mil milhões de meticais e em 2003 cerca de 2.8 mil milhões de meticais, referentes a cobrança das licenças de caça, senhas de abate e outras receitas. Em 2004 atingiram 4.8 mil milhões de meticais e em 2005 as mesmas desceram para 480,31. A tabela a seguir mostra a descrição dos valores de receitas cobradas.

**Tabela 4: Receitas cobradas nas áreas de conservação (em 10<sup>6</sup> Mts)**

DESCRIÇÃO	2002	2003	2004	2005	% Cresc. (2005/2002)
Taxas de exploração anual	500,00	485,00	640,00	480,31	-3,94
Licenças de caça	91,00	71,10	44,00	221,03	142,89
Licenças de caçador guia	24,00	-	147,60	45,60	90,00
Senhas de abate vendidas	1.257,10	2.256,00	3.975,70	8.905,26	608,40
Outras receitas	380,30	-	-	3.628,26	854,05
<b>Total</b>	<b>2.252,50</b>	<b>2.812,30</b>	<b>4.807,30</b>	<b>13.280,46</b>	<b>489,59</b>

Fonte: Adaptado dos Balanços do PES

#### **4.6.4 Investimentos**

A procura de lazer com base em praias têm estado a estimular o desenvolvimento do alojamento nas estancias turísticas. Os investimentos são maioritariamente efectuados em cabanas de praia, locais de campismo e acomodação com cozinha própria destinados ao mercado regional. Tem estado também a realizar-se investimentos dirigidos aos mercados mais exigentes nas ilhas do Parque Nacional de Bazaruto e na área continental de Vilanculos. De salientar, as regiões do norte, principalmente em Pemba, no Arquipélago de Quirimbas e Zona de Nacala, tem vindo a merecer o interesse dos investidores.

Em termos globais, durante o período em análise, foram analisados 584 projectos tendo sido aprovados 295 o que corresponde a 50.8% de aprovação de projectos. O valor de investimento foi estimado em 432,7 milhões de dólares americanos, correspondendo os investimentos projectados para instalar cerca de 8,106 camas distribuídos em 4,206 quartos e a criação de 4.624 postos de emprego, conforme a tabela n.º 5.

No ano de 2001, foram analisados 118 projectos dos quais 55 propostas foram aprovadas, sendo o volume de investimentos estimados em 180,08 milhões de dólares americanos, e a área de ocupação de ocupação de 10.110,2 (ha). Comparativamente aos projectos aprovados em 2000, foi registado um crescimento de aproximadamente 50%. O volume de aprovações foi de 180.08 milhões de dólares e o destaque vai para a autorização do projecto Pemba Bay. Com a realização destes projectos criaram-se expectativas no sector Turismo com o incremento da capacidade de alojamento em cerca

de 686 quartos e 1372 camas abrindo-se novas oportunidades de emprego para 559 trabalhadores.

Comparando o volume de investimentos realizados em 2004 com o realizado em 2000 verifica-se um crescimento na ordem dos 146.15, mas comparando 2005 com 2001 verificou-se um decréscimo na ordem dos 45.46%.

**Tabela 5: Projectos aprovados nos últimos 5 anos (2000-2004)**

Descrição	2000	2001	2002	2003	2004	Total
Propostas analisadas	120	118	116	115	115	584
Propostas aprovadas	36	55	68	80	56	295
% das aprovações	30.5%	46.6%	58.6%	69.6%	48.7%	50.8%
Quartos	968	686	590	857	1,105	4,206
Camas	2,003	1,372	1,148	1,912	1,671	8,106
Emprego	1,071	559	530	1,191	1,273	4,624
Valor (10 <sup>3</sup> USD)	39,171.0	180,083,0	65,101.9	51,926.0	96,419.6	432,701.5

Fonte: Adaptado dos Balanços do PES

De referir que segundo os dados do Centro de Promoção do Investimento, a maior percentagem do Investimento é estrangeiro. De 2001 à 2005, o IDE foi de 184.605,52 mil dólares e o IDN foi de 72.369,74 mil dólares, vide anexo 9.

Em suma, a contribuição do turismo para o PIB é ainda relativamente baixo. Em 2002, Moçambique recebeu cerca de 900 mil turistas dos países vizinhos. “O turismo contribui com 1.2% para o PIB (Ministério do Plano e Finanças) e representou cerca de 0.9% do total das receitas registadas pelas Cem Maiores Empresas em 2001”, (KPMG, *As Cem Maiores Empresas de Moçambique*).

#### 4.7 Custos do Turismo

O desenvolvimento da actividade turística em Moçambique, além dos benefícios acima mensurados, traz consigo alguns custos para a população e para as zonas onde se desenvolvem as actividades. Alguns exemplos destes custos são:

- Placas que vedam o acesso público as praias. Um exemplo deste tipo de problema, foi o que ocorreu na praia do Bilene, onde operadores turísticos colocaram redes para vedar o acesso da população a zona que estava de frente ao estabelecimento;
- Placas que condicionam o acesso aos estabelecimentos com base na cor da pele;
- O uso da língua inglesa como único meio de comunicação no estabelecimento;
- Acampamentos turísticos ilegais;
- Uso do dólar como única moeda de pagamento. Na ponta de Ouro existem alguns trabalhadores locais que só aceitam pagamentos em dólares; e
- Acesso a reservas só a partir do exterior. Existem acampamentos em Inhambane que as reservas são feitas na África do Sul. Eles proporcionam todo tipo de serviços, desde reservas até alimentação, o que diminuiu os ganhos turísticos tanto para a economia como para a comunidade local.



## **CAPITULO V – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

---

### **5.1 Conclusão**

O turismo possui uma grande importância para as economias, tanto a nível nacional como a nível internacional. Esta importância pode ser observada no volume das receitas criadas, no investimento e no emprego que o mesmo cria.

O crescimento e/ou o aumento das chegadas internacionais, e por via destas o aumento das receitas contribuem substancialmente para o aumento das receitas e da rede hoteleira, o que vai levar a criação do emprego e diminuição das disparidades de rendimento, é uma forma de mostrar a contribuição do turismo na economia.

Estes efeitos não são os únicos, mas devido a complexidade da actividade turística existem muitos impactos que são consequência do desenvolvimento desta actividade mas que são difíceis de mensurar. Um exemplo deste tipo de problema é a dificuldade de determinar o consumo turístico, por exemplo: O pão consumido pelo turista é produto turístico ou não?

O turismo moçambicano encontra-se numa fase de renascimento. Moçambique tem um vasto potencial turístico e este renascimento foi impulsionado pela estabilidade política e económica que se vive no país. As principais motivações para a escolha do país constam entre o turismo de lazer, procura de ambientes tropicais tais como praias e fauna, a cultura e o turismo de negócios.

Moçambique sofreu um retrocesso no turismo depois de 1973, e ao longo dos anos 80 e princípios dos anos 90 o turismo externo consistia basicamente na estadia de missões de cooperação internacional. Contudo, com a estabilidade política e económica, como foi acima citado, o turismo começou a ganhar expressão no turismo internacional e nacional.

Segundo o Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique (2004:19), em 2001, Moçambique recebeu através das fronteiras do sul cerca de 400.000 turistas, aproximadamente o equivalente aos números recordes registados no tempo colonial. Em 2002, Moçambique atraiu cerca de 900 mil turistas de países vizinhos.

Apesar de estar ainda na fase de renascimento, a actividade turística tem dado um grande contributo para a economia moçambicana. Ela proporciona emprego para aproximadamente 32 mil pessoas. Segundo dados do CPI, em 2004 foram aprovados 20 novos projectos, perfazendo um investimento total de 124.8 milhões de dólares e caso seja efectivamente realizado poderão ser criados 1.770 novos postos de trabalho.

O trabalho conjunto com os parceiros regionais, a criação de ligações espaciais, a orientação das respostas para as exigências do mercado, a promoção do investimento apropriados e dirigidos, entre outros contribuirão em grande medida para aumentar as oportunidades de Moçambique partilhar os benefícios económicos e sociais relacionados com o turismo.

## **5.2 Recomendações**

Após as dissertações acima feitas sobre a contribuição do turismo para a economia de Moçambique, importa tecer algumas recomendações que podem vir a ajudar a desenvolver a actividade turística em Moçambique.

- Reforçar o papel da informação, para que delas possam se beneficiar também os consumidores e as empresas activas no turismo;
- Integrar nas acções comunitárias em prol do Turismo, princípios de desenvolvimento sustentável por forma a que se possa desenvolver a actividade turística a longo prazo e com qualidade;
- Promover a criação de empresas turísticas inovadoras;

- O Governo deve decidir que tipo de turismo quer incentivar, porém é necessário ver qual trará maiores vantagens para a sociedade;
- Investir de forma mais agressiva no marketing e na promoção do produto turístico moçambicano junto dos nacionais e estrangeiros;
- Melhorar as infraestruturas e as vias de acesso aos locais turísticos;
- Diminuir a burocracia, por forma a atrair mais os investidores e conferir maior rapidez no investimento.

## **CAPITULO VI – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

---

### **6.1 Obras Consultadas**

BANCO MUNDIAL, Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial: Desenvolvimento e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Imprensa do Senado,1992.

BARBOSA, Luiz Gustavo M, Os impactos económicos do turismo e suas implicações nas políticas públicas caso do Município de Macaé-Rj, Brasil,1998.

COOPER, Chris et al. Tourism Principles and Practice. Melbourne, Austrália: longman, 1993.

\_\_\_\_\_ Turismo Princípios e Práticas. São Paulo: Bookman, 2001.

COSTA, Jorge, RITA, Paulo; ÁGUAS, Paulo. Tendências Internacionais em Turismo. Lisboa-Porto-Coimbra,: Lidel-edições técnicas,2001.

CUNHA, Licínio. Economia e Política do Turismo. Lisboa: McGraw-Hill,1997.

LAGE, Beatriz H. G.;MILONE, Paulo C. Economia do Turismo, 7ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

McINTOSH, Robert W; GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent. Tourism: principles, practices, philosophies.7.ed. New York: john Wiley, 1995.

MILONE, Paulo C. Turismo: Turismo teoria e prática, 2ªed. São Paulo: Atlas, 2001.

MINISTÉRIO DO TURISMO, Balanço Quinquenal 2000-2004.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique (2004-2013).

MINISTÉRIO DO TURISMO. Política do Turismo e Estratégia da sua Implementação; Resolução nº 14 de Abril de 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Turismo Internacional: Uma Perspectiva Global. 2ª ed.. São Paulo, 2003.

WANHILL, S. Tourism Development and Sustainability. In: COOPER, C.P. Tourism Development: Environment and Community Issues. London: Willey, 1997.

WORLD TOURISM ORGANIZATION, Tourism Highlights, ed. 2003.

WORLD TOURISM ORGANIZATION, Tourism Market Trends, ed. 2005.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (1993). Tourism of a year 2000; Qualitative aspects affecting Global Tourism growth – A discussion paper. Madrid

## **6.2 Bibliografia Consultada na Internet**

BARBOSA, Fábica Fonseca, Caminhos da Geografia - revista on line, 2004. Consultado em Dezembro de 2005.

GLASENAPP, Sirlei. DORNELES, Simone. Revista Administração: Proposta para o Desenvolvimento Turístico na Região Central do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.fecap.br/adm/online>>. Consultado em Janeiro 2006.

KPMG. 100 Maiores Empresas de Moçambique. Disponível em <<http://www.kpmg.co.mz>>. Consultado em Janeiro de 2006.

MOTA, Helena. O turismo que não queremos. MoçAmbiente. Disponível em <<http://www.micoa.gov.mz>>. Acesso em Janeiro de 2006

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO 2001: Banco de dados. Disponível em: <<http://www.world-tourism.org>>. Consultado em Janeiro de 2006.

MINISTÉRIO DO TURISMO: Factos e Dados. Disponível em: <<http://www.Moztourism.gov.mz>>. Acesso em Janeiro 2006.

## ANEXOS

### *Anexo 1: Receitas internacionais do Turismo de 1950 à 2004* (Biliões de Dólares)

	Mundo	África	Americas	Asia e Pacífico	Europa
1950	2.1	0.1	1.1	0.04	0.9
1960	6.9	0.2	2.5	0.2	3.9
1965	11.6	0.3	3.4	0.5	7.2
1970	17.9	0.5	4.8	1.2	11.0
1975	40.7	1.3	10.2	2.5	25.9
1980	106.5	3.4	24.7	11.3	63.7
1981	108.1	3.7	27.8	13.2	59.4
1982	104.3	3.4	25.7	13.4	58.0
1983	104.9	3.5	26.3	14.1	56.7
1984	113.7	3.2	32.0	15.1	58.8
1985	120.8	3.1	33.3	16.3	63.9
1986	146.6	3.6	38.4	21.0	80.2
1987	181.1	4.6	43.1	28.0	101.0
1988	210.2	5.5	51.3	36.7	112.2
1989	230.0	5.7	60.3	41.0	118.1
1990	273.2	6.4	69.3	46.7	145.6
1991	286.0	6.0	76.4	48.0	150.4
1992	328.7	6.8	83.7	56.3	174.4
1993	334.9	6.9	89.2	62.1	168.7
1994	366.0	7.6	92.5	72.8	183.8
1995	411.3	8.5	98.4	82.0	211.9
1996	447.5	9.7	108.3	93.5	224.2
1997	452.3	9.5	114.5	90.8	224.7
1998	448.9	10.3	115.2	76.6	234.1
1999	462.0	11.1	120.0	83.7	233.1
2000	479.2	10.6	131.0	90.4	231.6
2001	467.0	11.5	119.8	93.5	226.7
2002	481.6	11.8	113.7	99.1	241.2
2003	524.2	15.5	114.1	94.9	282.9
2004*	622.7	18.3	131.7	125.0	326.7

Fonte: Adaptado da WTO, Tourism Market Trends.

**Anexo 2: Chegadas internacionais de Turistas, 1950-2004**

(Biliões)

	Mundo	África	Americas	Asia e Pacífico	Europa
1950	25.3	0.5	7.5	0.2	16.2
1960	69.3	0.8	16.7	0.9	50.4
1965	112.9	1.4	23.2	2.1	83.7
1970	165.8	2.4	42.3	6.2	113.0
1975	222.3	4.7	50.0	10.2	153.9
1980	278.2	7.3	62.3	23.6	177.5
1981	278.6	8.1	62.5	25.4	174.6
1982	277.1	7.5	59.7	26.6	174.8
1983	282.1	8.2	59.9	27.1	179.1
1984	306.9	8.8	67.4	30.1	192.6
1985	320.2	9.6	65.1	33.6	203.4
1986	330.5	9.3	70.9	37.6	205.3
1987	359.8	9.8	76.6	43.1	222.7
1988	385.5	12.5	83.0	50.1	230.5
1989	410.2	13.8	86.9	50.8	249.2
1990	441.0	15.2	92.8	57.7	265.3
1991	443.9	16.0	95.3	59.7	263.5
1992	481.4	18.3	102.2	67.8	281.4
1993	494.7	18.7	102.2	74.5	287.4
1994	519.5	19.1	105.1	82.2	300.4
1995	538.1	20.4	109.0	85.0	309.3
1996	569.6	22.1	114.5	94.0	323.0
1997	592.5	23.0	116.2	93.0	343.3
1998	611.6	25.5	119.2	92.4	355.7
1999	634.1	26.9	121.9	102.3	360.5
2000	680.6	28.2	128.2	114.9	384.1
2001	680.4	28.9	122.1	120.7	383.8
2002	700.4	29.5	116.6	131.1	394.0
2003	689.7	30.8	131.1	119.3	396.6
2004*	763.2	33.2	125.8	152.5	416.4

Fonte: Adaptado da WTO, Tourism Market Trends.



## Anexo 3: Receitas Turísticas em África (1990-2004)

(Bilhões de dólares)

	1990	1995	2000	2002	2003	2004	Tx de Mercado regional. (%)		Cres.(%)		Tx. anual de Cresc.(%)	
							1995	2004	03/02	04/03	90-95	95-00
África	6.402	8.544	10.608	11.843	15.494	18.335	100	100	30.8	18.03	5.9	4.4
África do Norte	2.333	2.867	3.823	4.387	5.038	6.096	33.6	33.2	14.8	21.0	4.2	5.9
Tunisia	948	1.530	1.683	1.523	1.582	1.910	17.9	10.4	3.9	20.7	10.0	1.9
Marrocos	1.259	1.296	2.039	2.646	3.225	3.921	15.2	21.4	21.9	21.6	0.6	9.5
Oeste de África	605	582	1.117	1.211	1.317	1.490	6.8	8.1	8.8	13.2	-0,8	13.9
Ghana	81	11	335	358	414	..	0.1	..	15.6	..	-32.9	98.0
Senegal	167	168	144	190	184	..	2.0	..	-3.2	..	0.1	-3.0
África Central	98	133	173	245	264	317	1.6	1.7	7.8	19.9	6.3	5.5
Angola	13	10	18	60	71	97	0.1	0.5	18.3	36.6	-5.1	12.5
Congo	8	14	12	25	20	..	0.2	..	-20.0	..	11.8	-3.0
África do Este	1.285	2.321	2.376	2.507	2.897	3.775	27.2	20.6	15.5	30.3	12.6	0.5
Kenia	443	486	283	276	339	495	5.7	2.7	22.9	45.9	1.9	-10.3
Maurícias	244	430	542	612	696	853	5.0	4.7	13.8	22.5	12.0	4.8
Seychelles	126	129	139	164	171	172	1.5	0.9	4.1	0.3	0.5	1.5
Moçambique	..	..	74	63	98	95	..	0.5	55.2	-2.4	..	..
África do Sul	2.081	2.640	3.118	3.492	5.978	6.657	30.9	36.3	71.2	11.3	4.9	3.4
Botswana	117	162	222	319	457	549	1.9	3.0	43.1	20.2	6.7	6.5
África do Sul	1.832	2.125	2.675	2.909	5.144	5.648	24.9	30.8	76.8	9.8	3.0	4.7

Fonte: Adaptado da WTO, Tourism Market Trends.

## Anexo 4: Entradas e saídas de viajantes pelas quatro fronteiras de Maputo

(1000 Pessoas)

Postos	Entradas	%	Saídas	%	Total	%
Mavalane	28,3	2,9	84,5	7,8	112,8	5,5
Ressano Garcia	833,6	84,8	881,9	81,4	1715,5	83
Namaacha	93,6	9,5	98,5	9,1	192,1	9,3
Ponta de ouro	27,2	2,8	18,3	1,7	45,5	2,2
<b>Total</b>	<b>982,7</b>	<b>100</b>	<b>1083,2</b>	<b>100</b>	<b>2065,9</b>	<b>100</b>

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

**Anexo 5: Movimento de viajantes por principais Países de Residência Habitual, 2001**

(1000 pessoas)

Pais	Entradas	%	Saídas	%	Total	%
Moçambique	499,0	43,7	669,7	61,8	452,9	21,9
África do Sul	377,1	38,4	289,0	26,7	240,7	11,7
Portugal	46,3	4,7	21,3	1,2	794,0	38,4
Suazilândia	15,6	1,6	13,0	8,3	181,1	8,8
Outros	114,7	11,7	90,2		397,2	19,2
<b>Total</b>	<b>982,7</b>	<b>100,0</b>	<b>1083</b>	<b>100</b>	<b>2065,9</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

**Anexo 6: Entradas e Saídas de viajantes por principais motivos, 2001**

(1000 pessoas)

Motivos	Entradas	%	Saídas	%	Total	%
Lazer	201,9	20,5	251,0	23,2	452,9	21,9
Visita a familiares	139,2	14,2	101,5	9,4	240,7	11,7
Negócios	330,4	33,6	463,6	42,8	794,0	38,4
Outros	90,9	9,3	90,2	8,3	181,1	8,8
Não especificados	220,3	22,4	176,9	16,3	397,2	19,2
<b>Total</b>	<b>982,7</b>	<b>100,0</b>	<b>1083,2</b>	<b>100,0</b>	<b>2065,9</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

**Anexo 7: Entradas e Saídas de Turista pelos quatro postos de fronteiras, 2001**

(1000 pessoas)

Postos	Entradas	%	Saídas	%	Total	%
Mavalane	15,5	3,8	33,3	6,6	48,8	5,4
Ressano Garcia	325,5	80,5	413,7	81,5	739,2	81,1
Namaacha	38,8	9,6	59,9	11,8	98,7	10,8
Ponta de Ouro	24,3	6,0	0,6	0,1	24,9	2,7
<b>Total</b>	<b>444,1</b>	<b>100,0</b>	<b>507,5</b>	<b>100,0</b>	<b>911,6</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

**Anexo 8 : Emprego criado pelo Investimento na área de Turismo**

Províncias	2001		2002		2003		2004		2005	
	Proj.	Empr.	Proj.	Empr.	Proj.	Empr.	Proj.	Empr.	Proj.	Empr.
Niassa	4	2717	2	150	1	182	3	176	1	17
C.										
Delgado		....		....	1	17	1	18	4	182
Nampula	1	18	1	20	1	38	3	72	3	38
Zambézia	1	28	1	21	1	43	1	28	1	43
Tete	1	30	1	7		35	1	30	1	35
Manica	1	25		....		46		....	....	....
Sofala		....	1	290		....		....	2	46
Inhambane	3	58	5	43	4	567	5	109	15	567
Gaza	2	41		....	1	786	1	14	5	786
Maputo Prov.	4	242	4	132	7,00	2209	5	1312	5	2209
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>3159</b>	<b>15</b>	<b>663</b>	<b>16,00</b>	<b>3923</b>	<b>20</b>	<b>1759</b>	<b>37</b>	<b>3923</b>

Fonte: Adaptado do CPI

Anexo 9: Investimento na área do turismo  
(10<sup>3</sup> USD)

Prov.	2001			2002			2003			2004			2005		
	IDE	IDN	I Total	IDE	IDN	I Total	IDE	IDN	I Total	IDE	IDN	I Total	IDE	IDN	I Total
C. Del.	10 403,75	53 397,25	984 438,27	13 450,00	0,00	20 450,00	800,00	0,00	800,00	2 159,75	593,25	4 473,00	2 800,25	26,75	12 760,00
Niassa	0,00	100,00	100	0,00	4,84	1 096,27	0,00	0,00	4 763,46	480,00	0,00	480	96,5	0,00	96,50
Nampula	50,00	5,00	481,83	0,00	117,36	194,16	200,00	0,00	389,00	0,00	1 917,93	4 982,33	0,00	180,83	3 158,05
Zambézia	0,00	4,68	1 062,81	300,00	0,00	300,00	0,00	106,69	3 200,70	50,00	0,00	300	100,00	0,00	200,00
Tete	1 143,75	18,75	1 162,50	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	302,40	1 764,00	50,00	10,00	710,00
Sofala	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	830,00	1 937,50	2 767,50
Manica	0,00	0,00	0,00	150,00	0,00	385,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Inhamb	1 178,60	427,90	1 879,00	3 073,095	548,832	3 621,93	7 090,39	0,00	18 090,39	2 041,38	430,76	4 878,08	8 024,76	40,00	32 195,85
Gaza	50,00	373,42	1 641,82	0,00	0,00	0,00	0,00	64,57	823,17	0,00	165,14	165,14	25 635,00	16,67	75 671,67
Maputo	5 248,67	107,67	23 937,34	2 627,12	2 572,89	11 146,16	6 579,89	376,85	7 698,86	45 925,00	1 719,66	107 658,80	44 047,62	2 065,69	47 351,51
<b>Total</b>	<b>18 074,77</b>	<b>54 434,67</b>	<b>1 014 703,57</b>	<b>19 600,12</b>	<b>3 243,92</b>	<b>37 193,52</b>	<b>14 670,28</b>	<b>5 311,57</b>	<b>35 765,58</b>	<b>50 656,13</b>	<b>5 129,14</b>	<b>124 701,35</b>	<b>81 604,13</b>	<b>4 277,44</b>	<b>174 911,08</b>

Fonte: Adaptado do CPI

IDN – Investimento Directo Nacional; IDE – Investimento Directo Estrangeiro; I total – Investimento total.  
Investimento total = IDN+ IDE + Empréstimos

*Anexo 10 : Objectivos da política de Turismo estratégico*

**Objectivos da Política de Turismo Estratégico**

- Desenvolver um sector de turismo que seja, por todos os aspectos e em todos os níveis de alta qualidade, embora não necessariamente de alto custo;
- Encorajar o uso do turismo para intercambio tanto cultural, quanto económico;
- Distribuir os benefícios económicos do turismo, directos e indirectos, da forma mais ampla e para maior parcela de comunidade anfitriã, quando viável;
- Preservar os recursos naturais e culturais como parte do desenvolvimento do turismo, facilitar isto por meio de desenhos de arquitectura e de paisagismo que reflectam as tradições locais;
- Atrair um largo segmento de turistas internacionais e domésticos, através de políticas e programas de desenvolvimento de locais e instalações;
- Atrair turistas de alto nível de gastos;
- Aumentar o nível de emprego;
- Auxiliar regiões periféricas, pelo aumento de renda e emprego, deste modo reduzindo ou coibindo a emigração.

Fonte: Wanhill (1997)

